

Chatarina Edfeldt\*

Universidade de Dalarna/ ILCML

# As Outras Cores do Mundo: Uma leitura na perspectiva zoopoética do poema “A Pega”, de Ana Luísa Amaral<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste ensaio, proponho uma leitura de alguns poemas de Ana Luísa Amaral com o objetivo de explorar certos eixos de uma zoopoética presente no seu universo poético. Em particular, os poemas de interesse incluem alguns da secção “Quase em Écloga, Gentes”, com especial atenção ao poema “A Pega: as outras cores do mundo”, ambos integrados no livro *Mundo* (2021). Argumenta-se que esta zoopoética, desenvolvida na poesia de Amaral, manifesta-se numa atenção ontológica especial aos seres não-humanos e, sobretudo, na preocupação em atribuir-lhes “uma voz própria” (ao outro). Esta abordagem fundamenta-se teoricamente nas ideias de Aaron M. Moe sobre zoopoética, que reconhecem nos animais não-humanos uma voz poética própria, expressa através de uma *poiesis* corporal.

## Palavras-chave:

*Mundo*, zoopoética, “dar a voz ao outro”, *poiesis* corporal

## Abstract:

In the present essay, I propose a reading of selected poems by Ana Luísa Amaral with the aim of exploring certain axes of a zoopoetics present in her poetic universe. The poems of interest are drawn from the section “Quase em Écloga, Gentes”, with particular focus on the poem “A Pega: As Outras Cores do Mundo”, featured in the book *Mundo* (2021). I argue that this zoopoetics, as developed in Amaral’s poetry, is revealed through a distinctive ontological attention to non-human beings and, above all, through a concern with granting them “a voice of their own” (the other). This approach is theoretically grounded in Aaron M. Moe’s ideas on zoopoetics, which attribute to non-human animals a poetic voice of their own, expressed through their bodily *poiesis*.

## Keywords:

*Mundo*, zoopoetics, “give voice to the other”, bodily *poiesis*

*[A] arte, e a escrita, em particular, cumpre uma funda obrigação ética, ao permitir-se ser uma espécie de ‘obrigação moral para com os emudecidos’ (apud Primo Levy) A poesia é simultaneamente frágil e poderosa. E é pela sua condição artística de precariedade, a nós todos comum, que ela renascerá sempre.*

Ana Luísa Amaral, *Arder a Palavras e Outros Incêndios* (2017)

O universo poético da obra literária de Ana Luísa Amaral caracteriza-se por uma notável riqueza temática, marcada pela inclusão e diversidade, expressa através de uma estética singular que lhe valeu numerosos prémios de prestígio. Esta consagração consolidou a autora como uma das vozes poéticas mais relevantes da contemporaneidade em Portugal. Além disso, destacou-se como uma ensaísta de influência significativa, com a publicação de ensaios literários e artigos de debate, bem como uma investigadora pioneira nos estudos feministas e queer em Portugal. A poeta possui uma vasta produção de poesia publicada; contudo, neste ensaio, limito-me a concentrar a atenção no seu livro *Mundo*, publicado em 2021. Pretendo realizar uma leitura de alguns poemas sobre animais não-humanos, que, na minha opinião, representam uma zopoética na sua obra, ao propor uma reconfiguração das relações entre animais humanos e não-humanos.

Embora a produção poética de Ana Luísa Amaral seja multifacetada e rica na sua amplitude temática, há, contudo, uma ressonância estética própria, moldada pela sua visão ética do mundo, que permeia toda a sua poesia, assim como o restante das áreas da escritora. No ensaio “Poeta-Cidadão, ou da Poesia e do Mundo”, Marinela Freitas apresenta uma imagem clara desta trajetória da poeta e propõe a designação “poeta-cidadão” para enfatizar como a poeta está sempre atenta ao mundo, adotando um olhar crítico que incorpora solidariedade e responsabilidade perante “diferentes formas de cidadania local, nacional ou global”, que, por sua vez, sempre se transfere “à sua atuação como escritora, tradutora, divulgadora cultural, investigadora ou professora universitária” (Freitas 2024:82). Freitas caracteriza e conceptualiza a escrita de Ana Luísa Amaral como:

um espaço de resistência, de reivindicação de justiça social e de denúncia das dinâmicas de poder e das suas complexidades. Seja dando voz a quem não a tem, seja procurando a palavra certa para a indignação, seja ainda como poeta-cidadã que ensaia contra-pedagogias da crueldade, construindo laços e resistindo a redução do mundo e das relações com os outros. (*idem*: 199-120)

Embora, como claramente demonstrado no texto de Freitas, a filosofia ético-política da poeta, alicerçada em valores sólidos de solidariedade, seja inquestionável e intrínseca à sua visão do mundo, a estética da sua poesia nunca se deixou orientar ou comprometer por abordagens programáticas ou dogmáticas. Muito pelo contrário, a poesia foi sempre considerada por

Amaral uma expressão artística livre por excelência e de extrema relevância, dotada de uma capacidade inerente de expressar incertezas, mistérios, metáforas e imagens precisas e justas sobre reflexões acerca do mundo e das condições da vida humana. De modo que a poesia parece ser uma forma imprescindível de estar e de se orientar no mundo. Amaral, defende, num dos ensaios, que a poesia é “o espaço por excelência do exercício da possibilidade. Todavia, sendo o espaço de possibilidade, ela não pode nunca ser o espaço de totalidade, porque é humana” (Amaral 2017: 29). Em entrevistas, ensaios<sup>2</sup> e versos, Ana Luísa Amaral defendeu que a poesia não tem mensagem, que é inútil e essencial e é precisamente essa sua capacidade de incluir as ambiguidades e contradições do mundo atual que a torna tão relevante, tal como enunciado nas suas próprias palavras: “no dia em que o gesto supérfluo e inútil que é a poesia deixar de representar o mais fundamental, nesse dia, estará em risco a própria nomeação daquilo a que nós, humanos, chamamos mundo” (*idem*: 236).

A leitura que apresentarei a seguir da poesia de *Mundo* inscreve-se em algumas trajetórias bem reconhecidas (algumas já identificadas anteriormente na citação de Freitas), pela sua relevância: “desconstruir as dicotomias binárias no pensamento filosófico ocidental constituindo a base de hierarquias injustas e de desigualdades”; “a ética de caridade com o *outro*”; “denunciar atrocidades” e, sobretudo, “dar a voz a *outro* que tradicionalmente não a tinha”. Eis, nas próprias palavras de Amaral, numa entrevista ao *Jornal de Letras* em torno do lançamento de *Mundo*: “Neste livro, tentei mostrar o humano no cósmico”; o livro “fala do nosso mundo, humano, natural, em toda a sua variedade extraordinária, do mundo visível e do universo”. E continua: “É tão importante o amor e solidariedade, o gesto em direção ao *outro*”, porque “as diferenças são maravilhosas em si. O problema é quando se tornam desigualdades” (“Ana Luísa Amaral: Uma poesia do mundo” 2021: 14-16).

Reconhecemos, então, na obra *Mundo* várias dessas temáticas marcantes da rica trajetória poética amaraliana, aqui em parte revisitadas, como, por exemplo, a visão cósmica que promove o paradigma de inclusão e diversidade, e o tema da necessidade de reinventar o mundo, tal como foi expresso no primeiro verso do poema “topografias em quase dicionário”, no livro *A Gênese do Amor*: “reaprender o mundo/ em prisma novo: pequena bâtega de sol a resolver-se/ em cisne,/ sereia harmonizando o universo” (Amaral 2005: 9). No entanto, argumentarei a seguir que a obra *Mundo* expressa algo novo ou, mais corretamente, contém um aprofundamento de um tema já presente no seu universo poético. Ampliando o tema da visão cósmica de incluir, com amor e caridade, todas as criaturas, flora e matérias, a obra cumpre lindamente a proposta pós-humana de desconstruir a dicotomia entre cultura e natureza, celebrando a diversidade das espécies. Uma trajetória aprofundada que procurarei delinear por meio de uma leitura orientada à luz de uma zoopoética, a qual será desenvolvida no contexto da análise da obra de Ana Luísa Amaral realizada por Rosa Maria Martelo (2024), e fundamentada nas teorias sobre zoopoética de Aaron M. Moe (2013), às quais retornarei em breve.

No entanto, num contexto mais amplo, a relevância e a urgência de uma zoopoética, tanto enquanto prática da escrita criativa como na abordagem crítica literária, enquadram-se na consciência crescente geral e atual sobre a crise ecológica global, incluindo o impacto negativo

da ação humana no nosso planeta, como alterações climáticas e a perda de biodiversidade. Uma situação que, para ser problematizada, exige perspectivas críticas e teóricas em diálogos interdisciplinares, abrangendo filosofia, ecologia, estudos culturais e literários (e mais), com o objetivo de redefinir a relação humana com outras espécies e com a biosfera em geral. Campos de Estudos Humanos, como os Estudos Pós-Humanos, a Ecocrítica e os “Animal Studies”, entre outros, partilham o objetivo de questionar os binarismos entre cultura e natureza, humano e animal, bem como de escrutinar o legado humanista tradicional que sustenta a centralidade e a excecionalidade da humanidade.

Cecilia Åsberg e Rosi Braidotti salientam, no volume *A Feminist Companion to the Posthumanities*, que “[i]n this new planetary age of Anthropocene, defined by human-induced climatical, biological, and even geological transformations, we human are fully in nature. And nature is fully in us” (Åsberg/Braidotti 2018: 1).<sup>3</sup> E continuam a apelar para que prestemos mais atenção a esses mundos humanos e mais-que-humanos, de modo a superar categorias fixas e hierarquias entre natureza e cultura, ou entre o humano e o não-humano – o que pode possibilitar análises e visões alternativas (*ibidem*). As estudiosas conceptualizam estas visões alternativas como “alter worlding” e “worldly relationality” (*idem*: 3), conceitos que se podem traduzir diretamente do conteúdo do imaginário poético de Amaral, da necessidade de “reinventar mundos novos”. O corpo de ideias expresso em *Mundo* não se estrutura, em diversos aspetos, segundo hierarquias binárias — sejam elas entre humanos (género e sexualidades), entre animais humanos e não-humanos, ou entre natureza e cultura. Pelo contrário, projeta um outro pensamento predominante e recorrente no universo poético da autora: a convicção de que toda a materialidade — flora, seres humanos e não-humanos — está profundamente interligada, partilhando a mesma essência de que são feitas as estrelas.

Variantes desta ideia de uma interligação essencial entre espécies são propostas na diversidade de perspectivas críticas e teóricas mencionadas anteriormente (cf. Birke/ Holmberg 2018; Åsberg/Braidotti 2018). Faz sentido incluir nesta discussão uma voz precursora e fundamental para o desenvolvimento destas ideias: a de Donna Haraway, para, em seguida, estabelecer ligações e contrastes com a voz poética de Ana Luísa Amaral.

No seu influente texto *When Species Meet* (2007), Haraway explora e sublinha as relações interrelacionais, transcorporais e interconectadas entre animais humanos e não-humanos, destacando a interdependência e a coevolução de todas as espécies. Enquanto bióloga, Haraway desenvolve, a partir destas ideias, os seus conceitos de “becoming with” (Haraway 2007: 16) e “natureculture” (*idem*: 15) ancorados em fundamentos biológicos e ontológicos:

I love the fact that human genomes can be found in only about 10 percent of all the cells that occupy the mundane space I call my body; the other 90 percent of the cells are filled with the genomes of bacteria, fungi, protists, and such, some of which play in a symphony necessary to my being alive at all, and some of which are hitching a ride and doing the rest of me, of us, no harm. (Haraway 2007: 3)<sup>4</sup>

É curioso contrastar esta expressão com a expressividade poética da autora, que partilha deste horizonte conceptual de interligação e intermaterialidade cósmica. Para ilustrar, serve de exemplo o poema “A Mesa”, presente em *Mundo*. Neste poema, composto por seis versos, o sujeito poético é uma mesa que, na “voz da primeira entidade”, narra as suas experiências quotidianas como parte integrante da comunidade da casa, situada na sala de estar. Os primeiros dois versos do poema iniciam-se ambos com uma paráfrase intertextual da célebre frase de Fernando Pessoa: “A minha pátria [é a língua portuguesa]” conferindo à Mesa um estatuto e uma subjetividade no seu próprio universo. No segundo verso, a mesa é dotada de um corpo próprio, um contacto tátil de ternura com outras entidades (objetos) e com mãos humanas, numa relação de plena interligação dentro de uma comunidade carente:

[...]

A minha pátria  
é a toalha branca que me cobre, são os pratos  
que sustento todos os dias, os braços  
que se encostam a mim,  
até a água onde quase me afoguei,  
por culpa distraída da mão que no meu corpo  
a colocou, mão insensata  
esquecida de cuidar

[...]

(Amaral 2021: 30)

O último verso transmite uma ideia cósmica de interligação corporal e material que abarca toda a extensão do universo: a mesa mantém-se como sujeito da voz, enquanto a mão humana se transforma em sua parceira neste diálogo.

[...]

Que a mão que agora aqui e sobre mim  
se estende  
se lembre desta inteira condição comum:  
de reino igual viemos, para igual reino  
vamos, ela e eu

os átomos que me formam e fizeram  
podem ter sido os seus  
(*ibidem*)

Enquanto a teoria interespecies de Haraway problematiza sobretudo a relação entre animais humanos e não-humanos, a perspectiva poética de Amaral expande esse horizonte para abarcar toda a existência incorporada e partilhada no universo. Assim, na obra *Mundo*, deparamo-nos com uma diversidade de cenas que vão desde os microcosmos dos animais até às atrocidades e crueldades perpetradas pelos seres humanos — um retrato abrangente de tudo o que há de bom e de mau no mundo.

Se avançarmos agora para um dos interesses principais deste texto, a discussão de uma zoopoética na obra de Ana Luísa Amaral, constatamos que esta proposta já foi iniciada e desenvolvida por Rosa Maria Martelo. No seu ensaio “Asas, garras e outros sobressaltos – Notas para uma zoopoética”, Martelo sugere uma possível trajetória de “imaginários ou híbridos” de uma zoopoética na poesia de Ana Luísa Amaral, destacando que inúmeros animais, de grande diversidade, estão muito presentes em toda a obra de Amaral (Martelo 2024: 127).<sup>5</sup> Martelo oferece-nos um esboço de uma possível categorização (ainda que de forma não rigorosa) baseada na função ou na dimensão atribuída aos animais de poemas de interesse para este texto. Refere-se a animais fantásticos e mitológicos, a animais que assumem “sentimentos humanos e aproximando-se mais a lógica do bestiário” (*idem*: 139), bem como à “tematização de animais e seres híbridos presentes em diferentes mitologias” que estabelecem diálogos com a tradição literária (*idem*: 146). Contudo, é na linha de “singularização de diferentes animais agindo como ‘gentes’ não-humanas e descritos com ênfase nas características próprias de cada um” (*idem*: 139) que pretendo situar a minha análise de uma zoopoética dos primeiros poemas de *Mundo*.

Embora o envolvimento afetivo e interrelacional com animais não-humanos – sejam eles domésticos (como gatos e cães) ou selvagens, de diferentes tamanhos e inseridos em diversos microcosmos – não constitua uma novidade no imaginário poético de Amaral, defendendo que a secção “Quase em Écloga, Gentes” (Amaral 2021: 11-24) representa um avanço significativo nesta sua trajetória zoopoética, pela sua abrangência e concretização. Esta secção apresenta dez poemas inteiramente dedicados aos animais não-humanos e às plantas – entre os quais se encontra o poema “A Pega” –, todos representados na sua plena materialidade e função ontológica.

A análise que se segue será moldada pela perspectiva ética amaraliana de “dar voz ao outro”, articulando-a com a construção teórica de Aaron M. Moe sobre a zoopoética. Em *Zoopoetics: Animals and the Making of Poetry*, Moe desenvolve uma teoria abrangente sobre uma zoopoética aplicada especificamente à poesia. Esta abordagem reconhece os animais como seres dotados das suas próprias formas de criatividade e agência na criação poética, desafiando as perspectivas antropocêntricas tradicionais na literatura (Moe 2013). Moe argumenta que a existência ontológica dos animais pode intervir na criação poética enquanto participantes interativos, transcendendo meras representações simbólicas e trazendo uma voz própria que molda as práticas poéticas:

Zoopoetics opens a space within the poetic tradition. This space, though, is not exclusively human. Rather it is a sphere where the old lines dividing humans and animals dissolve into fluid borderlands as one species discovers innovative breakthroughs in form through an attentiveness toward another species' bodily *poiesis*. Gestures dissolve the supposed divide between human *poiesis* and animal *poiesis*; between the gestures of speech, the gestures of the poetic page, and the gestures of the body. (*idem*: 27)<sup>6</sup>

O pensamento predominante na compreensão zoopoética de Moe é o de que os animais não-humanos adquirem a sua voz poética através da sua “*poiesis* corporal” (bodily *poiesis*), entendendo *poiesis* no sentido grego de “*makings*” (o ato de fazer ou trazer algo à existência) (*idem*: 11). Moe oferece-nos um conjunto coerente de conceitos rigorosamente explicados — “retórica” (*rhetoric*), “gestos” (*gestures*) e “agência” (*agency*) — para fundamentar o conceito de *poiesis* corporal, que confere a voz poética aos animais não-humanos.<sup>7</sup> Resumidamente, Moe defende que as expressões corporais, gestos e vocalizações dos animais são formas retóricas, baseando-se em George A. Kennedy (1992), que argumenta que a comunicação gestual precedeu a linguagem falada, configurando a língua original comum (*idem*: 8). Os “gestos retóricos” podem ser caracterizados pela energia das inflexões, pelo movimentos corporais, gesticulações e sons, que se integram no processo de “*poiesis* corporal”. A “atenção” [*attentiveness*] à linguagem corporal do *outro* torna-se, assim, essencial para a intercomunicação e o relacionamento poéticos entre espécies. Moe apela ao reconhecimento da agência dos animais nesses processos poéticos, percebendo-os como seres retóricos/poéticos que ganham voz na poesia por meio de uma *poiesis* corporal (*idem*: 9). O autor conclui: “Zoopoetics names the process through which a poet creates a multispecies event by discovering innovative breakthroughs in form through an attentiveness toward animals” (*idem*: 24).<sup>8</sup>

Este cuidado em prestar elevada atenção à *poiesis* corporal de outras espécies é plenamente reconhecível na constelação de pensamentos expressa poeticamente sobre “os seres-gentes” que habitam a secção “Quase em Écloga, Gentes” de Amaral. Nessas composições, os poemas observam ternamente os seres, com os seus gestos e comportamentos próprios, reconhecendo-os nas suas existências únicas e individuais. No primeiro verso do poema “A Formiga: Peregrinatio”, somos conduzidos, através de um gesto poético de atenção, a uma breve narrativa sobre o universo de uma formiga, representada como uma forte e determinada lutadora: “Ao longo do jardim,/ caminha a contramão das outras caminhanes:/ as antenas astutas, vida amarga,/ ultrapassagens bruscas”. Nas estrofes seguintes, sublinha-se a agência e a voz atribuídas à formiga, através da sua *poiesis* corporal, expressa em gestos, movimentos e reações físicas: “faz arquejar o corpo e fica como estátua:/ a sedução mais pura/ à sua frente”. O verso final retrata claramente a formiga como uma “membro-cidadã”, desempenhando trabalhos e responsabilidades no seio da sua comunidade: “semente pequeníssima/ que ela transporta agora, tão esforçada/ e delicadamente:/ futura refeição para família, amigos,/ como ela peregrinos/ do quase- nada:// a sua gente” (*idem*: 11).

Igualmente, nos outros poemas da secção, contam-se pequenas histórias de vidas – por exemplo, da centopeia, do pavão, ou dos pássaros – em que prevalece o processo de dar voz e espaço aos animais não-humanos, através dos seus gestos, sons, características próprias e até os desafios que enfrentam. Alguns têm fins tristes, como a centopeia, enquanto outros surgem triunfantes, como “A abelha” que fez “a sua entrada triunfal” na varanda, mostrando a sua capacidade de recriar vida, mesmo numa época errada (*idem*: 18). No monólogo amoroso da aranha, ao expressar os seus desejos, a poeta imita e brinca com a poiesis corporal da aranha, numa explosão de ludicidade poética que só pode ser reconhecida como um exemplo máximo do sentido de humor de Ana Luísa Amaral (*idem*: 17). Todos estes seres não-humanos, ou “gentes não-humanas”, são retratados ontologicamente no seu próprio *habitat*, com atenção e afeição, constituindo uma marca importante na poesia de Amaral – a da “solidariedade entre espécies, em que humanos e animais partilham experiências paralelas e vínculos” (Freitas 2024: 114; cf. Martelo 2024: 138).

Termino esta intervenção sobre zoopoética com uma leitura mais atenta do poema “A Pega”. Mas, antes, gostaria de notar brevemente que existem outras pistas interessantes que, certamente, enriqueceriam esta leitura. Entre elas, uma possível discussão sobre os diálogos intertextuais com nomes da tradição literária e da memória cultural, assim como a escolha do género “écloga” para o título da secção, e incorporada em poemas como, por exemplo, “A centopeia: Cena quase bíblica” (*idem*: 12). Contudo, o meu principal objetivo nesta análise é explorar os aspetos principais de uma zoopoética realizada por Ana Luísa Amaral nestes poemas. No poema “A Pega”, então, é narrada uma breve história sobre a ave, que começa no seu *habitat* natural, sendo observada pelo sujeito poético:

No jardim tangente à minha casa  
por entre os pássaros  
que lhe habitam as árvores e cantam  
em trinado desacerto,  
vive uma pega

O seu nome não é um nome belo  
como andorinha ou rouxinol,  
que lembram odes e mornas tradições,  
ou como arara, quetzal ou beija-flor,  
nomes felizes com as cores inteiras  
que o olho humano entende  
– e ainda outras  
que as entendem eles  
Mas ela, elegante no corpo todo negro, a cauda longa,  
só laivo a branco leve na asa e pelo peito,  
parece que vestiu alta-costura

para voar pelos ramos de outono e  
os telhados das casas  
que estão perto  
[...]  
(Amaral 2021: 14)

Os versos dois e três estão construídos em diálogo contrastivo. No segundo verso, afirma-se que a pega “não tem um nome belo” (visto que, tanto em português como em sueco, “pega” é uma alcunha pejorativa para uma mulher menosprezada), contrastando-a com outras aves e pássaros, cujos corpos são mais coloridos e cujos nomes são mais agradáveis. Por sua vez, o terceiro verso eleva a pega ao mesmo nível, destacando a sua elegância, esperteza e habilidades de voo “pelos ramos do outono”. Estamos perante um jogo poético que problematiza e desconstrói as supostas hierarquias de valor, entre estes seres não-humanos (aves), tanto no âmbito ontológico como no imaginário poético humano tradicional, marcado por “odes” e “mornas”. Assim, o poema questiona as imagens literárias convencionalmente projetadas sobre os corpos dos animais. No entanto, a pega, apresentada em terceira pessoa, emerge como um sujeito próprio, uma representante de si mesma, habitando o nosso mundo.

Neste verso, a seguir, observa-se o cuidado de evitar a hierarquização e a polarização entre os seres humanos e os não-humanos, ao utilizar o termo “bicho” para designar os homens – “bicho humano” – enquanto se questiona a suposta superioridade da inteligência humana:

[...]  
Dizem os entendidos  
que reconhece ao espelho o seu reflexo  
algo que ao bicho humano  
exige anos de vida  
[....]  
(*idem*: 14)

Neste horizonte concetual, expresso nestes poemas, privilegia-se a não hierarquização entre os animais- humanos, “bicho humano”, e a flora, com base na ideia amaraliana de que todos somos feitos da mesma matéria cósmica das estrelas. Por isso, entendo como importante inscrever esses “seres gentes” na sua própria materialidade e existência ontológica. Nesta interpretação, é essencial evitar ler estes versos como meras metáforas ou representações simbólicas de uma condição existencial humana. Afinal, não seria isso, mais uma vez, repetir a lógica de instrumentalizar o animal não-humano em função dos fins do “bicho humano”?

É seguindo esta lógica de uma zoopoética no poema “A Pega” que a minha leitura se difere da leitura feita por Peter Haysom-Rodríguez sobre este poema (2024). Em vez de considerar os versos como metáforas de um estado *queer* humano, leio-os como uma celebração da pega na

sua plena ontologia, dotada de uma subjetividade própria. No entanto, é importante salientar que ambas as interpretações podem coexistir no universo poético de Ana Luísa Amaral. A leitura presente, portanto, não procura entrar em polémica com a outra interpretação – que, aliás, não seria alinhada com o espírito inclusivo do *queer* ou da “*queerful-poetics*” de Amaral (cf. Freitas 2020).

No entanto, esta compreensão da imagem ontológica da Pega, que habita o nosso *Mundo* com autonomia e é vista como um ser maravilhoso, revela-se essencial para a minha interpretação da chave do poema, que reside no seu final. Aqui, mais uma vez, os versos constroem-se a partir do efeito de contraste:

[...]

Nestes dias tão magros  
em que os cavalos de apocalipse e espanto  
cavalgam livres, trazendo novas pestes, guerras, fomes,  
é um prazer de afago

alegria sem nome  
vê-la todos os dias a voar

equilibrista bicolor,  
dona do mundo  
(*ibidem*: 15)

Nestes versos, o olhar recai sobre a condição político-social humana no mundo, expressa através de uma imagem poética bem reconhecível no repertório semântico da obra da poeta, utilizada para denunciar as atrocidades do mundo: “os cavalos do apocalipse” que neste tempo “cavalgam livres, trazendo novas pestes, guerras, fomes”. Esta visão contrasta imediatamente, na estrofe seguinte, com a expressão “é um prazer de afago” – acompanhada por uma pausa rítmica, antes que a continuação surja na estrofe seguinte: “alegria sem nome”. As últimas estrofes religam-se ao mundo autónomo da pega, elogiando-a por proporcionar esse “prazer de afago” ao continuar a voar todos os dias. Assim, esta poesia, ao centrar-se nos seus gestos e comportamento, oferece-nos conforto ao evidenciar que, mesmo num mundo marcado pela influência e pelos horrores das atrocidades humanas, existem seres que seguem firmemente o seu caminho, de acordo com uma ordem singular e bem organizada no mundo.

Esta poesia transmite-nos um consolo no facto de a pega continuar a viver e a realizar as suas tarefas quotidianas, independentemente da pandemia e das guerras do mundo humano. Tem o seu próprio mundo, igualmente significativo, onde é “equilibrista bicolor” e “dona do mundo” – algo a que “o bicho humano” pode agarrar-se firmemente. Deste modo, este poema sobre a pega abre uma perspectiva ampliada e oferece ao leitor uma visão alternativa da vida, que transmite tranquilidade, estabilidade e até uma sensação de paz interior. Assim, nesta

poesia, não se trata tanto de “reinventar o mundo”, mas antes de nos permitir revê-lo em “As outras cores do mundo”.

Neste texto, sugeriu-se uma zoopoética desenvolvida na poesia de Ana Luísa Amaral, marcada por uma atenção especial aos seres não-humanos e preocupada em conferir-lhes uma voz própria (através de uma *poiesis* corporal). A sua poesia questiona e resiste de forma incisiva às hierarquias tradicionais que posicionam os humanos acima dos animais em termos de importância moral e ontológica. Esse posicionamento filosófico harmoniza-se plenamente com a ressonância estética e política da autora, que procura desconstruir os binarismos tradicionais e promover ideias de igualdade, diversidade e interligação entre géneros, sexualidades, espécies e a relação entre cultura e natureza, contribuindo para uma visão mais justa e transformadora do mundo.

Termino apresentando algumas reflexões num tom mais pessoal – partindo da pergunta: o que pode a poesia? Tal como Ana Luísa Amaral se questionou e explicou na já mencionada entrevista ao *Jornal de Letras*: “o que um poema pode fazer por quem o lê [?], De facto, se um poema nos toca, faz-nos melhores” (“Ana Luísa Amaral” 2021: 15). A linguagem e o imaginário poético carregam mistérios, ambiguidades, contradições e elementos do desconhecido que ampliam o universo de pensamentos do leitor. A forma como um poema nos toca varia consoante o nosso horizonte de experiência e a nossa memória individual e/ou cultural. O(s) significado(s) de um poema renasce(m) e toma(m) forma no encontro entre o conteúdo do universo poético da poeta e o ato da leitura. Para mim, este é o verdadeiro “superpoder” da poesia enquanto género literário. É precisamente aqui que encontro a alma da poesia em toda a sua essência e excelência: os versos poéticos revelam uma abertura, uma dinâmica e uma capacidade de expansão do pensamento que possibilitam interpretações infinitas, tornando-se em “verdades” singulares e pessoais para cada leitor.

Nestes dias, em que os “cavalos de apocalipse” continuam a cavalgar pelo mundo, com ainda mais ferocidade, loucura e descontrolo do que durante o período da pandemia, enfrentamos atrocidades incompreensíveis: atos de terror perpetrados por indivíduos, grupos e estados, assassinatos de crianças e civis. Diante de tudo isto, faltam-me as palavras e a linguagem para compreender, organizar e lidar com os sentimentos que surgem perante tanta crueldade. É, então, que encontro refúgio na poesia de Ana Luísa Amaral, onde descubro conforto e consolo. Um poema aparentemente “inútil” sobre uma pega, que se torna essencial por conseguir transmitir-me palavras que expandem o meu mundo interior, permitindo-me ver as “outras cores do mundo”.

Obrigada, Ana Luísa Amaral.

## NOTAS

\* Chatarina Edfeldt é professora no Departamento de Português e membro do grupo de pesquisa Literaturas na Sociedade da Universidade de Dalarna, Suécia. É membro colaborador do grupo de pesquisa “Intersexualidades”, no ILCML da Universidade do Porto. A sua pesquisa tem-se concentrado em literaturas e culturas de língua portuguesa, historiografia literária, perspetiva feminista e pós-colonial. Recentemente, os seus interesses de pesquisa incluem Literatura Mundial, circulação e tradução literária de literaturas lusófonas. Publicou livros e artigos sobre questões de género, historiografia literária e escritoras de língua portuguesa. Entre as suas obras recentes destacam-se a coedição de *Narrative Crossing Borders: The Dynamics of Cultural Interaction* (Stockholm University Press, 2021) e o volume, em coautoria, *Northern Crossings: Translation, Circulation and the Literary Semi-Periphery* (Bloomsbury Academic, Nova York, 2022).

<sup>1</sup> Este ensaio foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

<sup>2</sup> Encontra-se uma exposição interessante sobre estes pensamentos de Amaral no seu capítulo “Se tudo fosse só êxtase súbito: poesia e mundo”, publicado no livro *Arder a Palavra e outros Incêndios* (2017: 225-244).

<sup>3</sup> “Nesta nova era planetária do Antropoceno, definida por transformações climáticas, biológicas e até geológicas induzidas pela ação humana, nós, humanos, estamos completamente na natureza. E a natureza está completamente em nós” (tradução minha).

<sup>4</sup> “Adoro o facto de apenas cerca de 10 por cento de todas as células que ocupam o espaço mundano que chamo de meu corpo conterem genomas humanos; os outros 90 por cento das células estão preenchidos com genomas de bactérias, fungos, protistas e afins, alguns dos quais tocam numa sinfonia essencial para a minha própria sobrevivência, enquanto outros apenas apanham boleia e não causam qualquer mal ao resto de mim, de nós” (tradução minha).

<sup>5</sup> A análise de Martelo oferece-nos um registo exaustivo de animais não-humanos, tanto domésticos como selvagens e também traça importantes interligações intertextuais com nomes conhecidos na tradição literária do imaginário ocidental (Martelo 2024). A autora ressalva, porém, que não inclui todos os géneros explorados pela poeta, faltando ainda falta analisar a obra de teatro *Próspero Morreu* e os livros infantis da autora (Martelo 2024: 131).

<sup>6</sup> “Zopoética abre um espaço dentro da tradição poética. Este espaço, no entanto, não é exclusivamente humano. Pelo contrário, é uma esfera onde as antigas linhas que dividem humanos e animais se dissolvem em territórios fluidos, permitindo que uma espécie descubra inovações na forma ao prestar atenção à *poiesis* corporal de outra espécie. Os gestos dissolvem a suposta divisão entre a *poiesis* humana e a *poiesis* animal; entre os gestos da fala, os gestos da página poética e os gestos do corpo” (tradução minha).

<sup>7</sup> O espaço limitado deste texto não permite uma explicação detalhada sobre a forma como Moe define e relaciona estes conceitos. No entanto, na sua obra, o autor apresenta uma investigação rigorosa e um desenvolvimento aprofundado de cada um deles (Moe 2013).

<sup>8</sup> “Zopoética designa o processo através do qual um poeta cria um evento multiespécies ao descobrir avanços inovadores na forma por meio de uma atenção cuidadosa aos animais” (tradução minha).

## Bibliografia

- “Ana Luísa Amaral: Uma poesia do mundo” (2021), *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1331, de 6 -19 de outubro de 2021: 14-16.
- Amaral, Ana Luísa (2021), *Mundo*. Porto, Assírio & Alvim.
- (2017), *Arder a Palavra e Outros Incêndios*. Lisboa, Relógio D'Água.
- (2011), *Próspero Morreu*. Lisboa, Editorial Caminho.
- (2005), *A Génesis do Amor*. Porto, Campo das Letras.
- Åsberg, Cecilia & Braidotti, Rosi (eds.) (2018), *A Feminist Companion to the Posthumanities*. Cham, Switzerland, Springer.
- Birke, Lynda / Holmberg, Tora (2018), “Intersections: The Animal Question Meets Feminist Theory,” in Åsberg, Cecilia & Braidotti, Rosi (eds.), *A feminist companion to the posthumanities*. Cham, Switzerland, Springer: 117-128.
- Freitas, Marinela (2024), “Se não com os outros, como? – Poesia e cidadania”, in *O Multiverso de Ana Luísa Amaral – 3 Leituras*, de Maria de Lurdes Morgado Sampaio, Marinela Freitas, Rosa Maria Martelo. Porto, Casa dos Livros: 81-121.
- (2020), “Neither Man nor Woman’: Ana Luísa Amaral's Queerful Poetics”. *Portuguese Studies* 36(2), 220-236. <https://dx.doi.org/10.1353/port.2020.0037>.
- Haraway, Donna. J. (2007), *When Species Meet*. University of Minnesota Press (e-book).
- Haysom-Rodriquez, Peter (2022), “A Esperança queer na última poesia de Ana Luísa Amaral”, *Libreto 36 – Materiais para a Salvação do Mundo* 7, 1/2022: 9-17. <https://doi.org/10.21747/978-989-35462-3-9/lib36a1>
- Kennedy, George A. (1992), “A Hoot in the Dark: The Evolution of General Rhetoric,” in *Philosophy and Rhetoric*, Vol. 25 Issue 1: 1-21.
- Martelo, Rosa Maria (2024), “Asas, garras e outros sobressaltos – Notas para uma zoopoética”, in *O Multiverso de Ana Luísa Amaral – 3 Leituras*, de Maria de Lurdes Morgado Sampaio, Marinela Freitas, Rosa Maria Martelo. Porto, Casa dos Livros: 127-150.
- Moe, Aaron M. (2013), *Zoopoetics: Animals and the Making of Poetry*. Lanham, Maryland: Lexington Books.